

## O “ACORDO DO SÉCULO” DE TRUMP E A RESPOSTA LATINO-AMERICANA

Yoslán Silverio González<sup>1</sup>

Os conflitos atuais no Oriente Médio, no Iêmen, Síria e Iraque, bem como as tensões com o Irã e a crise interna no Líbano, têm favorecido as posições de Israel na região diante do enfraquecimento do consenso árabe para enfrentar as ofensivas dos países imperialistas - Estados Unidos da América (EUA) e seus aliados europeus. Nesse sentido, a guerra na Síria, que visava derrubar o governo de Bashar al-Assad, a fim de impulsionar a agenda dos EUA de um novo Oriente Médio, fracassou de forma esmagadora.

Durante os anos da chamada “Primavera Árabe” e no curso da guerra na Síria, o conflito palestino-israelense ficou em segundo plano, como um sinal de que as prioridades não foram definidas para resolver essas discrepâncias, e para continuar adiando o processo de paz no Levante. Essa estratégia praticamente paralisou as negociações, colocando-as à beira do desaparecimento. Enquanto isso, Israel continua com sua política expansionista, com a construção de novos assentamentos na Cisjordânia, e sujeitando a população de Gaza a um bloqueio permanente por ar, mar e terra, pelo exército israelense, restringindo a livre circulação de seus residentes, bem como o envio de ajuda humanitária.

O fracasso na implementação dos vários acordos de paz, desde que a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) assinou os “Acordos de Oslo” de 1993, mostrou pouco compromisso por parte do regime sionista e seu aliado americano em aplicá-los. Desde a assinatura da “Declaração de Princípios” de 13 de setembro de 1993 em Washington, o primeiro compromisso formal entre o Estado judeu e a OLP, houve apenas alguns avanços no estabelecimento de um sistema de autogoverno palestino em Ramallah através de eleições diretas dos líderes da Autoridade Nacional Palestina (ANP): representante dos palestinos em fóruns internacionais. O controle das autoridades palestinas em algumas áreas também foi determinado, mas os aspectos

---

<sup>1</sup> Centro de Investigaciones de Política Internacional (CIPI), Havana, Cuba. E-mail: yoslan@cipi.cu

mais importantes: o retorno às fronteiras de 1967, o retorno dos refugiados palestinos e a formação do Estado com capital em Jerusalém Oriental, foram supostamente deixados para sucessivos “acordos”.

A estrutura legal do processo de paz foi reconfigurada com a chegada de outras administrações dos EUA sem levar em conta os direitos legítimos do povo palestino, que enfrentam a desapropriação sistemática de suas terras em cumplicidade com a maioria da comunidade internacional. Vinte e cinco anos após Oslo, a situação dos palestinos continua em acentuado declínio, sem diminuir sua capacidade de resistir à ocupação sionista.

No nível multilateral, o processo de negociação também foi torpedeado pelos Estados Unidos, recorrendo repetidamente a seu direito de veto no Conselho de Segurança para se opor a qualquer resolução que afete os interesses de Israel com relação ao conflito com os palestinos. Nesse sentido, houve dezenas de resoluções aprovadas pela Assembleia Geral das Nações Unidas e seu Conselho de Segurança que não foram aplicadas, precisamente, pelas posições de Israel, EUA e seus aliados europeus.

No entanto, um momento significativo no cenário internacional foi o reconhecimento pela ONU da Palestina como um “Estado observador não membro” no final de 2012. Essa nova situação possibilitou a intervenção das autoridades palestinas nos debates da Assembleia Geral. Assembleia, bem como integrar as diferentes agências do sistema das Nações Unidas e outras organizações internacionais. Quase 70% dos membros da Assembleia Geral da ONU (135 de 192) reconhecem a Palestina como um Estado, apesar da obstinação dos EUA e Israel.

## O Binômio Trump-Netanyahu: a aliança EUA-Israel se fortalece

A vitória presidencial do republicano Donald Trump, contra as previsões da maioria dos analistas, modificou as principais tendências da política externa dos Estados Unidos: a saída do acordo nuclear com o Irã, a “guerra” comercial com a China, a retórica contra os governos progressistas da América Latina, entre outros elementos de sua política de Twitter. Para o Oriente Médio, um dos aspectos mais significativos foi o fortalecimento da aliança estratégica com Israel, suas posições contra o governo da Síria, as relações com a Arábia Saudita e os ataques contra o Irã: tudo dentro da estrutura da guerra contra o terrorismo.

Sem dúvida, Israel é o núcleo de sua projeção para o Oriente Médio, para conter os “inimigos” dos Estados Unidos e trabalhar a “aliança” com seus parceiros econômicos e aliados regionais. Israel continua sendo um dos

maiores beneficiários da ajuda americana, principalmente na área de subsídios para acesso a armas militares avançadas. Anualmente, essa ajuda militar era de cerca de 3,1 bilhões de dólares e, em 2019, aumentaria para 3,8 bilhões.

Nesse sentido, o governo Trump quer se apresentar como ator fundamental na “solução” do conflito palestino, impondo seus preceitos e concepções para que os palestinos aceitem um plano de paz que beneficia apenas EUA e Israel. As medidas tomadas pelo atual governo republicano têm o objetivo de aniquilar a causa palestina, não reconhecendo os direitos e as demandas históricas desse povo, mesmo que ele precise passar por cima de dezenas de resoluções da ONU e declarações de líderes internacionais.

Uma das primeiras ações realizadas pelos EUA para intensificar suas relações com Israel foi o reconhecimento da cidade histórica de Jerusalém como capital deste país, cidade que desde o Império Otomano Turco desfruta de um status especial, devido à confluência das três principais religiões monoteístas e locais de convivência entre essas crenças. Isso ocorreu precisamente no contexto do 70º aniversário da fundação do Estado de Israel. Dessa maneira, o governo dos EUA violou todas as resoluções e acordos adotados com relação à manutenção do status quo em Jerusalém.

O anúncio foi feito em 6 de dezembro de 2017, seguido por uma forte rejeição por boa parte da comunidade internacional. Essa notícia foi muito bem recebida pelas autoridades sionistas, que esperavam que uma dúzia de outros países também fizessem o mesmo e apoiassem as ações de Washington. No caso das capitais europeias, nenhum de seus governos endossou tal decisão, mas, pelo contrário, provocou críticas das principais autoridades da União Europeia (UE). Apesar da rejeição internacional, os Estados Unidos levaram o assunto às Nações Unidas e, apesar de receberem uma rejeição quase unânime dos Estados presentes ali, em 14 de maio de 2018, transferem sua embaixada para Jerusalém, ocupando o edifício que abrigava o consulado americano em o bairro de Arnoma. Uma grande delegação chefiada pelo secretário do Tesouro Steven Mnuchin participou da cerimônia de abertura.

O governo dos EUA continuou sua política de pressão contra os líderes palestinos. Uma de suas últimas ações foi o fechamento do escritório da OLP - que contém vários grupos palestinos - em Washington, em setembro de 2018. A justificativa para essa ação foi, segundo o Departamento de Estado, que os líderes da OLP haviam condenado o plano de paz proposto pelos EUA, sem sequer o terem visto e que se recusaram a trabalhar com o governo dos EUA.

A repercussão internacional foi imediata. O Secretário Geral do Co-

mitê Executivo da OLP, Saeb Erekat, descreveu a decisão como deliberada<sup>2</sup>. Enquanto isso, Hossam Badran, membro do Escritório Político do Movimento Hamas, considerou essa ação como uma manifestação de que o processo de negociação havia atingido um ponto morto<sup>3</sup>. O embaixador palestino em Washington, Husam Zomlot, condenou, nos termos mais fortes, a decisão do governo dos EUA de encerrar a missão palestina nos Estados Unidos.

Como resultado da denúncia que a ANP fez em maio de 2018, contra Israel perante o Tribunal Penal Internacional (TPI), pelos assentamentos e pela morte de centenas de palestinos, o conselheiro de segurança nacional da Casa Branca, John Bolton, ameaçou sanções contra o TPI se decidisse investigar os Estados Unidos ou Israel em questões relacionadas à Palestina<sup>4</sup>. A esse respeito, ele se referiu a sancionar os fundos do TPI nos EUA e a proibir a entrada no país de seus juízes e promotores. Mas as ameaças também foram feitas contra qualquer empresa ou outros Estados que cooperassem em uma investigação do TPI contra americanos, em uma clara alusão à violação do direito internacional.

As ações punitivas não estavam apenas neste plano. Para fortalecer suas posições em relação aos palestinos, os Estados Unidos também fecharam os fundos alocados à Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Próximo Oriente (UNRWA). Os fundos foram avaliados em cerca de US \$ 200 milhões, destinados a oferecer ajuda humanitária aos 5 milhões de palestinos na Jordânia, Líbano, Síria, Cisjordânia ocupada e Faixa de Gaza. Durante uma reunião da Liga Árabe (LA) realizada no Cairo, o ministro das Relações Exteriores da Palestina, Riad al-Maliki, disse que o governo Trump lançou um ataque ao povo palestino e ao direito internacional, cancelando fundos para a UNRWA.

Mais uma vez, a retórica discursiva se referia ao fato de que enquanto o Hamas controlasse a Faixa de Gaza, o financiamento para essa Agência não seria retomado<sup>5</sup>. Obviamente, o governo de Benjamin Netanyahu apoiou esta

---

2 Ver Washington Officially Announces the Closure of the Palestine Liberation Organization (PLO) Office. 11 de setembro de 2018. Disponível em: <http://www.en.syria-scope.com/political-news/85848>

3 Hamas: The Closure of The Headquarters of The PLO in Washington Confirms The Failure of The Settlement Process. 11 de setembro de 2018. Disponível em: <http://www.en.syria-scope.com/palestine-news/85843>

4 *La Casa Blanca amenazará con sanciones a la CPI si investiga a EE.UU o Israel*. Agencia EFE, 10 de setembro de 2018. Disponível em <https://es.noticias.yahoo.com/casa-blanca-amenazar%C3%A1-sanciones-cpi-investiga-ee-uu-161823957.html>

5 *US cuts to UN refugee agency an 'attack on Palestinians & international law'*. Palestinian FM, 11 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.rt.com/news/438179-trump-attack-palestinians-funding/>

disposição e parabenizou a decisão dos Estados Unidos de fechar a representação palestina em Washington.

Todas essas medidas contra as autoridades e o povo palestino apenas reforçaram e reafirmaram as posições de total alinhamento da Casa Branca com Israel. Eles também agiram em retaliação pela decisão palestina de processar Israel perante o TPI pela construção e expansão de assentamentos judaicos na Cisjordânia e Jerusalém. Esses atos confirmam que o governo Donald Trump está comprometido em proteger Israel de seus atos ilegais, não promovendo a solução de dois Estados e eliminando qualquer possibilidade de condenar Israel por violar os direitos humanos do povo palestino<sup>6</sup>.

O que foi expresso até agora faz parte do conjunto de pressões que o governo Trump está implementando no nível internacional - ameaças contra o TPI e contra governos que não os apoiam em suas resoluções na ONU - e contra as autoridades palestinas, forçando-os a aceitar seu acordo de paz arbitrário e tributário conhecido como “novo acordo do século” que exclui as demandas sustentadas pelo lado palestino e reforça as posições de Israel.

## Donald Trump e seu Unilateral “Novo Acordo do Século”

Os acordos discutidos, assinados e ratificados por meio da mediação dos diferentes atores internacionais não foram eficazes na solução do conflito histórico entre palestinos e israelenses, mas contribuíram para o fortalecimento das posições de Israel. Nesse sentido, a nova proposta dos EUA introduz elementos adicionais que buscam encontrar uma solução que beneficie ainda mais Israel. Esse acordo ocorre em um contexto regional caracterizado pela derrota dos planos ocidentais de usar grupos terroristas para dividir e enfraquecer o Oriente Médio.

Esse acordo, que tem antecedentes em antigas aspirações sionistas, como o plano Alon e o plano Yinón, procura dividir a Cisjordânia e unir o que resta à Gaza e à Jordânia para criar um “Estado” palestino-jordaniano. O presidente palestino Mahmoud Abbas revelou que a equipe de negociação dos EUA ofereceu a ele um plano baseado em uma confederação jordaniana-palestina. Essa não é uma ideia completamente nova, como afirma Jamal Amal, professor de teoria política da Universidade de Tel Aviv. No entanto, Abbas argumentou que as implicações administrativas do plano proposto pelos americanos não eram precisas ou que nível de autonomia o Estado palestino teria

---

<sup>6</sup> Ver Rafael Mathus Ruiz. *Nuevo golpe de Trump al proceso de paz en Medio Oriente: ordenó el cierre de la oficina de la OLP*. Washington, 11 de setembro de 2018. Disponível em: <https://es.noticias.yahoo.com/golpe-trump-proceso-paz-medio-o52330433.html>

sob uma confederação com a Jordânia e insistiu que rejeitaria a oferta enquanto Israel não fizesse parte dessa “confederação”<sup>7</sup>.

O anúncio desse plano foi feito pelos principais assessores de Donald Trump para a região do Oriente Médio: seu genro Jared Kushner e seu assistente para assuntos internacionais Jason Greenblatt - ex-vice-presidente da Organização Trump - que possui esse posto desde a primavera de 2017. Um dos objetivos da última viagem de Kushner à região, na qual ele também visitou o Egito, Jordânia, Arábia Saudita e Catar, foi finalizar os detalhes do projeto de plano de paz com os líderes sauditas e do Catar. Nem Kushner, nem o enviado americano Jason Greenblatt se encontraram com Abbas ou com outras autoridades palestinas durante a viagem. A retórica dos EUA continua a questionar a capacidade do presidente palestino de alcançar a paz, culpando-o pela deterioração da situação em Gaza.

Até a data (Outubro de 2018), os detalhes do acordo proposto por Trump permanecem imprecisos. Afirmou-se que durante seu discurso perante os Estados Unidos, Trump anunciaria sua proposta de paz para o Oriente Médio, no entanto, a revelação oficial disso foi adiada após as eleições intercalaras nos Estados Unidos. Isso não tornou impossível que algumas das ideias concebidas se infiltrassem na imprensa. Ao mesmo tempo, surgiram as ações dos Estados Unidos durante o primeiro ano de Trump, que o plano já está sendo aplicado passo a passo por Israel e seus aliados ou, pelo menos, o cenário está sendo preparado para sua futura assimilação pelos Estados Unidos e a comunidade internacional.

Os principais pontos propostos pelo plano seriam os seguintes:

- **Anexação da Faixa de Gaza pelo Egito**<sup>8</sup>: seria feita em troca de ambiciosos investimentos econômicos, tanto lá como no norte do Sinai, financiados principalmente pelos países sunitas do Golfo. Nesse sentido, a população da Faixa poderia trabalhar em projetos de infraestrutura no Sinai no norte do Egito, como usinas solares, dessalinizadoras e vários corredores industriais. O plano não especifica se eles poderiam viver nesta região egípcia na fronteira com Gaza. Desse modo, a Faixa de Gaza receberia um “status especial” antes de eventualmente ligá-la ao Egito.

- **Anexação de Jerusalém**: O reconhecimento dos bairros palestinos de

---

7 Ver Maya Siminovich. *El presidente palestino revela que EE UU le propuso formar una confederación con Jordania*. EFE, 3 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.20minutos.es/noticia/3429056/0/eeuu-propuso-abas-confederacion-jordania/#xtor=AD-15&xts=467263>

8 Essa ideia de usar a região egípcia do Sinai não é totalmente nova. A administração republicana de George W. Bush havia levantado para o presidente egípcio e aliado entre os árabes, Hosni Mubarak, a cessão a Gaza de um terço do território do norte do Sinai, uma questão que foi contestada por sucessivos governos egípcios.

Jerusalém que permaneceram fora dos muros após 2004, como a capital potencial de um futuro Estado palestino, enquanto os bairros que permanecem intramuros - incluindo a cidade velha e bairros vizinhos, mas também outros enclaves periféricos - permaneceriam sob jurisdição israelense. A condição de indivisibilidade de Jerusalém foi incluída na Lei Básica da Nacionalidade, aprovada pelo Knesset, que consagra a cidade santa como a capital única de Israel.

Em resumo: Jerusalém seria reconhecida como a capital de Israel, enquanto um subúrbio de Jerusalém, provavelmente a cidade árabe de Abu Dis, serviria como a capital administrativa da Palestina. Esses dois eventos - o reconhecimento de Jerusalém como capital de Israel e a aprovação da lei do “Estado-nação judeu” - indicam claramente a implementação parcial do referido acordo.

- **Anexação do vale do Jordão:** Israel anexaria unilateralmente 50% da Cisjordânia (incluindo o próspero vale do Jordão e acessos ao Mar Morto) e, em vez disso, concederia cidadania aos palestinos e beduínos que residem lá (por isso que Israel tenta evacuar assentamentos beduínos na área). O máximo território possível seria anexado por uma mínima população necessária para torná-lo aceitável para a comunidade internacional.

Dessa maneira, Israel teria controle militar do vale do rio Jordão na Cisjordânia e anexaria grandes porções dos assentamentos na Cisjordânia e Jerusalém Oriental, agora sob o “guarda-chuva legal” oferecido pela lei do “Estado-nação judeu” para continuar roubando novas terras dos palestinos. Essa posição é contrária à levantada pelo governo Obama, quando defendia um retorno progressivo do vale do Jordão aos palestinos e uma exploração conjunta dos recursos do Mar Morto.

- **Anexação de outros territórios na parte oriental de Israel:** de acordo com a doutrina de segurança nacional israelense, o governo Trump também exige a anexação de áreas iguais às cidades de Netanya, no lado israelense, e Tulkarem, na Palestina, onde existem grandes blocos de assentamentos como Ariel, que iriam para Israel.

- **Retorno de refugiados palestinos:** a proposta dos EUA defenderá os refugiados que desejam “retornar” ao estado palestino emergente e muito pequeno; e que os países anfitriões - Jordânia, Líbano e Síria, e também as monarquias do Golfo Pérsico - os nacionalizem e os tornem cidadãos em troca de ajuda econômica. Dessa maneira, os palestinos desistiriam de retornar a suas terras. Embora a emigração de judeus de todo o mundo seja incentivada, os refugiados palestinos não têm o mesmo direito.

- **Fronteiras:** as fronteiras entre o que restaria da Palestina e Israel

seriam fixadas mais tarde. Esse plano abandona a possibilidade de retornar às fronteiras de 1967.

• **Deslocamento de palestinos:** Israel teria controle sobre o movimento de palestinos entre a Faixa de Gaza e os que ficariam na pequena Cisjordânia. Um corredor seria criado entre o território palestino e os locais sagrados em Jerusalém.

Quatro países árabes garantiram apoio a este acordo: Egito, Jordânia, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos. No entanto, as reações árabes têm sido muito controversas, por um lado, o rei saudita Salman alertou que retiraria seu apoio se os palestinos não recebessem a parte oriental de Jerusalém, em conformidade com a Iniciativa de Paz Árabe de 2002, que exigia o retorno das fronteiras de 1967 e o caráter palestino de Jerusalém Oriental.

Segundo Cengiz Tomar, decano do Departamento de Ciência Política da Universidade de Marmara e diretor do Centro de Estudos Palestinos daquele instituto, em relação à Palestina existem dois grupos: o “Bloco Meridional”, composto pelos Estados Unidos, os Estados do Golfo e o Egito, que discordam totalmente do “Bloco do Norte”, formado pela Turquia, Rússia e Irã. Nesse sentido, o professor ressalta como os países mais hostis ao Irã e que apoiam as sanções dos EUA contra Teerã são os mesmos que aprovam o “acordo do século” de Trump, enquanto a Turquia, que se opõe às sanções dos Estados Unidos, e sempre apoiou a causa palestina, continua a ser uma pedra no sapato dos EUA e Israel, razão pela qual Washington aumentou a pressão sobre Ancara<sup>9</sup>.

Segundo Ana Garralda, com este plano, os Estados Unidos conseguiram reduzir a Palestina a uma mera “Autonomia Plus”, sem contiguidade territorial, viabilidade econômica ou nível mínimo de soberania para ser considerado Estado, enterrando finalmente o modelo de dois Estados defendido por todas as administrações americanas anteriores<sup>10</sup>.

O plano ianque-sionista-árabe do século certamente não é um plano de paz para os palestinos, nem seu objetivo principal de melhorar a situação socioeconômica de sua população, mas é parte integrante de um projeto muito mais ambicioso que, junto à divisão da Síria como parte da balcanização do Oriente Médio, visa garantir as condições para que Israel se torne uma

---

9 Cengiz Tomar. *“El Acuerdo del Siglo” de Trump y el fin de los días*. Agencia Anadolu, 4 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.aa.com.tr/es/an%C3%A1lisis/el-acuerdo-del-siglo-de-trump-y-el-fin-de-los-22731>

10 Ver Ana Garralda. *El inaceptable “acuerdo del siglo” de Donald Trump*. Estudios de Política Exterior, 3 de agosto de 2018. Disponível em: <http://cpalsocial.org/el-inaceptable-acuerdo-del-siglo-de-donald-trump-2444>



potência regional<sup>11</sup>.

Houve uma forte sinergia entre as medidas tomadas pelo novo governo dos EUA e as medidas que Israel implementou. Isso indica que há uma clara cumplicidade israelense-americana em aplicar os principais aspectos do plano proposto por Trump de maneira sistemática e sobreposta.

As autoridades palestinas de Muqata, a sede administrativa da Autoridade Palestina, se opuseram a essa “nova” iniciativa ianque, uma vez que desacreditavam a mediação americana desde que os EUA decidiram reconhecer Jerusalém como a capital de Israel. Por essas razões, o presidente da ANP, Mahmoud Abbas, reiterou sua rejeição ao “acordo do século” de Trump porque, em sua opinião, “tem como objetivo liquidar a causa palestina”. Por essas razões, o acordo atendeu às objeções do lado palestino.

## A América Latina e a Palestina: entre as pressões dos EUA e as relações com Israel

A causa palestina também teve uma importante base de apoio da América Latina, especialmente através do trabalho de dezenas de organizações da sociedade civil, grupos de solidariedade com a Palestina e até alguns governos latino-americanos. Nesse relacionamento, Cuba foi o país que manteve ininterruptamente seus laços de irmandade com a causa palestina.

No contexto latino-americano, vários marcos podem ser mencionados nessa relação de solidariedade e fraternidade. Uma data importante a esse respeito foi o “Encontro das Nações Unidas para a América Latina e o Caribe em apoio à paz israelense-palestina”, realizado em março de 2011 em Montevideo, capital uruguaia. Um de seus objetivos era definir como os países da América Latina poderiam contribuir para a solução do conflito entre israelenses e palestinos.

Este evento também coincidiu com a campanha diplomática desenvolvida pela ANP para obter o reconhecimento do Estado da Palestina com as fronteiras anteriores à Guerra dos Seis Dias e com Jerusalém Oriental como sua capital. Esse processo, iniciado em 2009, culminou em 23 de setembro de 2011 com a formalização de Mahmud Abbas em nome da OLP de seus membros na ONU.

---

<sup>11</sup> Ver Nicola Hadwa y Silvia Domenech. *El acuerdo del siglo, máxima hipocresía y mínimo de vergüenza*.<sup>3</sup> de julho de 2018. Disponível em: <https://www.hispantv.com/noticias/opinion/381598/acuerdo-siglo-eeuu-paz-israel-palestina>

## Países da América Latina que reconhecem o Estado da Palestina

País	Data do Reconhecimento
Cuba	16 de novembro de 1988
Nicarágua	16 de novembro de 1988
Paraguai	25 de março de 2005
Costa Rica	5 de fevereiro de 2008
Venezuela	27 de abril de 2009
República Dominicana	14 de julho de 2009
Brasil	1 de dezembro de 2010
Argentina	6 de dezembro de 2010
Bolívia	17 de dezembro de 2010
Equador	24 de dezembro de 2010
Chile	7 de janeiro de 2011
Guyana	13 de janeiro de 2011
Peru	24 de janeiro de 2011
Suriname	1 de fevereiro de 2011
Uruguai	15 de março de 2011
El Salvador	25 de agosto de 2011
Honduras	26 de agosto de 2011
São Vicente e Granadinas	29 de agosto de 2011
Belize	9 de setembro de 2011
Dominica	19 de setembro de 2011
Guatemala	9 de abril de 2013
Colômbia	3 de agosto de 2018

Em janeiro de 2011, o Ministério das Relações Exteriores do Paraguai emitiu uma reafirmação por escrito do reconhecimento por seu governo do Estado da Palestina. Ao mesmo tempo, uma dúzia de países latino-americanos reconheceu o Estado da Palestina ao longo de 2011. Anteriormente, ao longo de 2010, alguns já haviam feito: Brasil, Argentina, Bolívia e Equador, que estavam entre os países latino-americanos progressistas do momento. O reconhecimento por parte de Brasil, Argentina, Bolívia e Equador especificou que estava dentro das fronteiras de 1967, enquanto Chile, Peru e Uruguai não incluíam detalhes nas fronteiras. Dessa forma, mais de 100 nações somadas às da América Latina, Ásia e África, reconheciam a Palestina como um Esta-

do<sup>12</sup>.

Em setembro de 2012, as autoridades palestinas solicitaram uma mudança de status na ONU de “entidade observadora” para “Estado observador não membro”. Em novembro do mesmo ano, a Assembleia Geral das Nações Unidas adotou a Resolução 67/19, com 138 votos a favor, 9 contra e 41 abstenções, o que foi uma vitória para os palestinos no cenário internacional. Essa medida lhes deu o direito de falar, mas sem a possibilidade de votar nas Nações Unidas.

Com a chegada do novo governo à Casa Branca, a política intervencionista dos Estados Unidos em relação à América Latina foi fortalecida com a visita do ex-Secretário de Estado Rex Tillerson pela região, o aumento das sanções econômicas e trabalho de subversão contra o governo da Venezuela, reativação do Grupo Lima, fortalecimento da direita no Brasil, Argentina e Equador, além de tentativas de minar os mecanismos regionais de consenso, como a União das Nações Sul-Americanas (UNASUL) e fortalecer a Organização dos Estados Americanos (OEA).

As mudanças radicais na política externa dos EUA: abandono do multilateralismo, ruptura do acordo nuclear com o Irã e suas posições na ONU em relação a Israel também tiveram suas repercussões na região latino-americana, principalmente pelas ameaças de Washington em enumerar os países que votaram contra eles na ONU. O ano de 2017, no contexto do centenário da Declaração de Balfour, foi marcado pela primeira turnê do primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, pela América Latina. Essa ofensiva israelense-americana reativou o papel da diáspora palestina na América Latina. No início de janeiro de 2017, o Clube Palestino do Chile, juntamente com outras organizações locais, convocou uma reunião de comunidades palestinas na América Latina para condenar o ataque do regime israelenses contra a Faixa de Gaza, cujo objetivo era enfraquecer a formação do governo de unidade, após a reconciliação entre os principais movimentos políticos da Palestina<sup>13</sup>.

No entanto, a chamada provocou diferenças com a Confederação Palestina da América Latina e do Caribe (COPLAC). Alguns argumentaram que a COPLAC, após os Acordos de Oslo, havia sido desativada bem como o restante das organizações populares da OLP. Com o apoio da ANP, a COPLAC

---

12 Ver *Debatirán papel de América Latina en conflicto entre Israel y Palestina*. Disponível em: <https://www.americaeconomia.com/politica-sociedad/debatiran-papel-america-latina-conflicto-israel-y-palestina>

13 Ver *Comunidades Palestinas de América Latina, condenan el crimen israelí de hoy en Gaza*. Resumen Latinoamericano, Palestina Libre, 30 de outubro de 2017. Disponível em: <http://www.resumenlatinoamericano.org/2017/10/30/comunidades-palestinas-de-america-latina-condenan-el-crimen-israeli-de-hoy-en-gaza/>

convocou um IV Congresso para as comunidades do continente, em Manágua (Nicarágua), em 19 de outubro. Presentes neste conclave estavam o ministro das Relações Exteriores da Palestina Riad al-Maliki e representantes do presidente Mahmoud Abbas.<sup>14</sup>

Esse episódio gerou atritos e fissuras internas dentro das forças da diáspora palestina no continente, porque desde novembro de 2014, as organizações chilenas tomaram a iniciativa de chamar as comunidades do continente para retomar o papel histórico da COPLAC. Por sua vez, o Clube Palestino do Chile, juntamente com outras organizações, realizou sua reunião em 30 de outubro de 2017. Nessa ocasião, fizeram um chamado para formar uma instituição palestina em nível continental, sempre respeitando e coordenando com a OLP e suas instituições, ao mesmo tempo em que exortaram a não promover ou reproduzir, direta ou indiretamente, na América Latina, os fatores de divisão que existem na Palestina<sup>15</sup>.

Outro fato que marcou as posições dos governos da região em relação à Palestina foi o processo de votação na Assembleia Geral da ONU no final de 2017. O dia foi caracterizado por uma votação dividida em relação à resolução apresentada condenando o reconhecimento de Jerusalém como a capital de Israel. Do total de 193 estados membros, 128 votaram a favor da rejeição da decisão dos Estados Unidos, houve 35 abstenções, 9 contra e 21 Estados ausentes no dia da votação. Entre os que eram contra estavam: Ilhas Marshall, Micronésia, Nauru, Palau, Togo, Estados Unidos e Israel.

Como evidenciado, apesar de haver 17 países na área que se opunham, o restante se absteve ou esteve entre os que estavam ausentes naquele dia. Com relação ao governo argentino, que tem uma acentuada tendência de direita, sua posição diante desses fatos é impressionante:

O Ministério das Relações Exteriores da Argentina, do Palácio de San Martín, lamentou as medidas unilaterais dos EUA sobre Jerusalém e reiterou seu apoio à celebração de rodadas de diálogo entre palestinos e israelenses para chegar a um acordo político. No comunicado divulgado pelo Ministério das Relações, a Argentina expressou seu apoio ao regime especial de Al-Quds, conforme estabelecido pela Resolução 181 (1947) da Assembleia Geral das Nações Unidas, que deixa o governo da cidade sob

---

<sup>14</sup> Ver *Defensores de palestinos en Latinoamérica se reunirán en Nicaragua*. 16 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.hispantv.com/noticias/sudamerica/356649/america-latino-caribe-comunidad-causa-palestina>

<sup>15</sup> Ver *Comunidades palestinas de América Latina realizarán Congreso Preparatorio en Chile*. 21 de outubro de 2017, Palestina Libre. Disponível em: <http://www.palestinalibre.org/articulo.php?a=66064>

um regime internacional especial<sup>16</sup>.

Países da América Latina e do Caribe na votação na ONU contra o reconhecimento de Jerusalém como capital de Israel<sup>17</sup>.

Votación		A favor	En contra	Abstenciones	Total 193
Países	<b>Centroamérica</b>	Nicaragua, Belice, Costa Rica.	Guatemala, Honduras.	México, Panamá.	
	Total parcial	3	2	2	7
	<b>Caribe</b>	San Vicente y Granadinas, Barbados, Surinam, Cuba, Dominica, Granada.		Trinidad y Tobago. Haití, Jamaica, Antigua y Barbuda, Bahamas, República Dominicana.	
	Total parcial	6		6	12
	<b>América del Sur</b>	Chile, Ecuador, Bolivia, Brasil, Guyana, Perú, Uruguay Venezuela.		Argentina, Colombia, Paraguay.	
	Total parcial	8		3	11
	<b>Total de la región</b>	17	2	11	30
<b>Por ciento</b>	13.28%	22.22%	31.42%		
<b>Total general</b>	128	9	35	172	
				89.11%	
<b>Ausentes</b>				21	

## Guatemala, Honduras e Paraguai reconhecem Jerusalém como a capital de Israel

Como resultado das mesmas pressões dos EUA, apenas dois dias após a abertura de sua embaixada em Jerusalém, outros países latino-americanos

<sup>16</sup> Ver *Argentina lamenta 'medidas unilaterales' de EEUU sobre Jerusalén*. 7 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.hispantv.com/noticias/argentina/361835/trump-jerusalen-capital-israel-embajada-eeuu-palestina>

<sup>17</sup> Ver *La Asamblea General de la ONU aprueba una moción contra la decisión de Estados Unidos de reconocer a Jerusalén como la capital de Israel*. BBC Mundo, 21 dezembro 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-internacional-42446206>

apoiaram a iniciativa dos EUA. Os primeiros a fazê-lo foram precisamente aqueles que apoiaram a decisão de Washington nas Nações Unidas.

Houve apenas dois votos contra: Guatemala e Honduras, o que significa que esses dois países foram os únicos na região que apoiaram os Estados Unidos. Precisamente, o primeiro a fazer a transferência foi a Guatemala, devido a um claro aviso dos EUA de tomar nota dos que se opunham à sua decisão, eliminando qualquer ajuda financeira, como indicado por seu embaixador na ONU, Nikki Haley, em um tom ameaçador.

Portanto, o próximo país era da região da América Central: Guatemala, sendo o segundo no mundo, atrás dos EUA - coincidência histórica - a reconhecer a existência do Estado judeu em 1948 e uma das últimas na região a reconhecer à Palestina em 2013. Durante a abertura de sua delegação diplomática, no Parque Tecnológico de Malha, em Jerusalém, o presidente guatemalteco Jimmy Morales descreveu o evento como um “momento importante” e uma “decisão corajosa”<sup>18</sup>.

Enquanto isso, o parlamento hondurenho aprovou uma resolução não vinculante para também aprovar a transferência de sua embaixada para Jerusalém. Conforme indicado pela imprensa deste país após esta decisão, ela teve a intenção do presidente Juan Orlando Hernandez em buscar melhores relações com os EUA. A moção, promovida pelo deputado Tomás Zambrano, foi finalmente aprovada pelo Congresso Nacional de Honduras com 59 votos a favor e 33 contra<sup>19</sup>. A iniciativa teve que ser confirmada posteriormente pelo Executivo. A notícia foi muito bem recebida pelas autoridades israelenses, que declararam automaticamente que expandiriam seus programas de cooperação com Honduras. Para esse fim, o chefe da Agência Israelense para o Desenvolvimento da Cooperação Internacional (MASHAV), Gil Haskel, liderou uma delegação de seu país que se reuniu com funcionários do Ministério das Relações Exteriores do país da América Central.

Agora era a oportunidade de outro país, mas agora do Cone Sul: o Paraguai, que há décadas é um dos aliados mais próximos dos Estados Unidos na América Latina e se absteve na votação da ONU em Jerusalém. O governo paraguaio anunciou em 7 de maio que realocaria sua embaixada até o final daquele mês e, para esse fim, o presidente Horacio Cartes (2013-2018), do Partido Colorado, viajou para Israel no dia 21 do mesmo mês. Por sua vez, o

---

<sup>18</sup> Ver *Guatemala, Honduras y Paraguay, los países latinoamericanos que siguen a Estados Unidos en la apertura de sus embajadas en Jerusalén*. Redacción BBC Mundo, 16 mayo 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-44112856>

<sup>19</sup> Ver *Aprueban moción para trasladar embajada de Honduras en Israel a Jerusalén*. La Prensa, 12 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.laprensa.hn/honduras/1168432-410/trasladar-embajada-honduras-jerusalen-tel-aviv-israel-congreso->

governo do primeiro-ministro israelense falou de pelo menos meia dúzia de países planejando fazer o mesmo, prometendo “tratamento preferencial” aos dez primeiros que o fizessem<sup>20</sup>.

## A Turnê de Mahmud Abbas na América do Sul

A última turnê do presidente palestino, durante o mês de maio de 2018, na região sul-americana, que o levou a visitar Venezuela, Chile e Cuba, ocorreu no contexto dos protestos que ocorreram na Faixa de Gaza e em alguns dias antes da decisão dos Estados Unidos de mudar sua embaixada para Jerusalém. Por essas razões, o Presidente Mahmoud Abbas pediu aos países latino-americanos que continuassem apoiando a causa palestina e não apoiassem Washington a respeito desse tema<sup>21</sup>.

Durante sua reunião com o presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, Abbas lembrou que a decisão tomada pelo presidente dos EUA violava o direito internacional. Por sua vez, Maduro expressou seu apoio à causa palestina após assinar vários acordos de cooperação bilateral nos setores de turismo, negócios e comércio. Na área de turismo, foi assinado um documento entre o Diretor Geral da Agência Palestina de Cooperação Internacional, Imad Zuhairi, e a Ministra do Turismo da Venezuela, Marlenys Contreras, enquanto na atividade comercial foi acordado estabelecer o conselho de empresários palestino-venezuelanos<sup>22</sup>.

Uma parada fundamental em sua turnê latino-americana deveria ser Chile. Este país foi um dos primeiros a abrir um Escritório de Representação perante a ANP em 1998 e reconheceu o Estado Palestino desde 7 de janeiro de 2011. Esta nação sul-americana também possui a maior comunidade palestina do mundo depois dos territórios árabes, com cerca de meio milhão de cidadãos. O presidente da Palestina manteve conversações bilaterais aqui com seu colega Sebastián Piñera, no *Palacio de La Moneda*. Em seu mandato anterior, Piñera havia feito uma visita aos territórios palestinos em 2011. Por ocasião de sua reeleição em dezembro de 2017, Piñera recebeu os parabéns

---

20 Cerca de 25 estados têm pelo menos representação consular em Jerusalém e o Vaticano tem uma delegação apostólica nesta cidade.

21 Ver *Abbas urges Latin America not to follow US example on embassy*. AFP and Time of Israel, 8 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/abbas-urges-latin-america-not-to-follow-us-example-on-embassy/>

22 Ver *Venezuela y Palestina firman acuerdos de cooperación*. Telesur, 7 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.telesurtv.net/news/venezuela-palestina-firman-acuerdos-cooperacion--20180507-0032.html>

do Presidente Abbas<sup>23</sup>.

## Colômbia: último país da América do Sul a reconhecer a Palestina

Paradoxalmente, o governo colombiano, um dos maiores aliados dos EUA na região sul-americana e com forte presença militar dos EUA, decidiu fazer uma mudança radical em sua política externa para o Oriente Médio: o reconhecimento de Palestina como um Estado. Este evento ocorreu na etapa final do mandato de Juan Manuel Santos<sup>24</sup>. No ano de 2018, houve a alternância de governo na Colômbia, mas o legado contraditório de Santos não seria divulgado até um dia após a posse de Iván Duque à frente da presidência colombiana, em 7 de agosto.

A informação foi confirmada pela então Ministra das Relações Exteriores, María Ángela Holguín. A ex-diplomata colombiana indicou em uma carta que ela endereçou ao seu homólogo palestino a ratificação da decisão de reconhecer os territórios palestinos “como um estado livre, independente e soberano”. Enquanto isso, Israel ficou “surpreso e desapontado” com a decisão de reconhecer o Estado palestino, porque a Colômbia, na votação de 2012 da Assembleia Geral das Nações Unidas, que concedeu à OLP o status de Estado observador, era o único país na área que se absteve.

Apesar do novo cenário político na Colômbia, o chanceler interino Carlos Holmes Trujillo afirmou que o assunto estaria sujeito a uma avaliação, sem ficar claro se isso implicava uma suspensão do reconhecimento ou não. As contradições parecem claras, porque durante sua campanha eleitoral, Ivan Duque expressou sua intenção de seguir os passos dos Estados Unidos e reconhecer Jerusalém como a capital de Israel. Por outro lado, cerca de 60 acadêmicos colombianos de diferentes universidades, jornalistas e especialistas em relações internacionais pediram ao governo, por carta, que mantivesse o reconhecimento da Palestina<sup>25</sup>. Embora a embaixada palestina em Bogotá tenha agradecido à Colômbia por sua decisão, ainda resta saber se é uma po-

---

23 Ver *Presidente de Palestina realiza visita oficial a Chile*. Prensa Latina, 9 de maio de 2018. Disponível em: <http://www.palestinalibre.org/articulo.php?a=68451>

24 Ver *El Gobierno de Santos reconoce a Palestina como Estado antes de entregar el poder*. Bogotá, 9 de agosto de 2018. Disponível em: [https://elpais.com/internacional/2018/08/08/colombia/1533761934\\_031445.html](https://elpais.com/internacional/2018/08/08/colombia/1533761934_031445.html)

25 Para acessar a lista completa de assinaturas na carta, consulte: *Académicos colombianos le pidieron a Duque respaldo en reconocimiento de Palestina*. El Espectador, 10 de agosto de 2018. Disponível em: <http://www.palestinalibre.org/articulo.php?a=69805>



sição consolidada.

No entanto, o presidente Ivan Duque afirmou que o reconhecimento do ex-presidente Juan Manuel Santos à Palestina como Estado era irreversível e argumentou que, desde o Acordo de Oslo, ele sempre acreditou que a solução ideal para o Oriente Médio fosse a solução de dois Estados. Essa declaração não foi bem recebida por Israel, cujo governo continuou a exigir que as mais altas autoridades colombianas revertissem seu reconhecimento da Palestina<sup>26</sup>.

## Paraguai modifica sua posição em relação a Jerusalém

A alternância política no Paraguai, em agosto de 2018, produziu uma mudança acentuada em relação à posição do governo anterior em relação a Jerusalém. O presidente paraguaio, Mario Abdo Benítez, do mesmo partido do Colorado, anunciou sua decisão de mudar sua sede diplomática de volta a Tel Aviv, devido às críticas que essa decisão gerou. A reação de Israel não esperou: retirou seu embaixador do Paraguai e fechou a embaixada em Assunção. Israel descreveu a decisão do Paraguai como “séria” e enfatizou que a situação deteriorou o relacionamento entre os dois países. Diante desses eventos, o vice-presidente dos EUA, Mike Pence, entrou em contato com o presidente paraguaio para pressionar, mas isso não teve efeito. Essa vitória da Autoridade Palestina foi parte dos esforços diplomáticos que seus líderes estavam realizando, denunciando o quanto os regulamentos do direito internacional foram violados com o “reconhecimento” de Jerusalém como a capital de Israel<sup>27</sup>.

Os únicos dois países latino-americanos que não reconhecem a Palestina são Panamá e México. Com relação ao primeiro, deve-se lembrar que foi um dos 9 países que votaram contra a concessão desse status à OLP na ONU em 2012, junto com o Canadá, a República Tcheca, os EUA, Israel, as Ilhas Marshall, Micronésia, Naurú e Palau. Quanto ao México, embora naquele ano tenha votado a favor, ainda não reconhece o Estado da Palestina<sup>28</sup>. Resta ver se, após a nova mudança de governo no México, por um executivo progressista,

---

26 Ver *Reconocimiento a Palestina como Estado ‘es irreversible’*: Iván Duque. El Tiempo, 3 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.eltiempo.com/mundo/latinoamerica/colombia-no-anulara-reconocimiento-a-palestina-como-estado-263666>

27 Ver *Tras el regreso de la embajada a Tel Aviv: Mike Pence habló con presidente de Paraguay*. Agencia AJN, 6 septiembre de 2018. Disponível em: <https://agenciaajn.com/noticia/tras-el-regreso-de-la-embajada-a-tel-aviv-mike-pence-hablo-con-presidente-de-paraguay-103644>

28 Ver *Colombia: ¿podrá Iván Duque revertir el reconocimiento de Palestina?* Palestina Libre, 10 de agosto de 2018. Disponível em: <http://www.palestinalibre.org/articulo.php?a=69806>

essa situação poderá ser revertida.

- A mudança na correlação de forças políticas na América Latina em favor dos governos de direita e pró-EUA pode gerar uma maior incerteza em relação ao progresso que a OLP havia feito nessa região nos anos anteriores.

- Por sua vez, o novo governo de direita no Brasil ameaça transferir a Embaixada de seu país para Jerusalém e até romper relações diplomáticas com a Palestina.

- A vitória do candidato de esquerda no México favorece um maior equilíbrio das forças progressistas da região e, portanto, a consolidação do apoio à causa legítima do povo palestino por sua independência.

- As posições mais consistentes com a causa palestina vêm dos governos da Venezuela, Cuba, Bolívia e Nicarágua.

Na XXIV Reunião Anual do Foro de São Paulo, realizada em Havana de 15 a 17 de julho de 2018 e com a participação de 479 delegados de partidos políticos, movimentos e grupos de esquerda na América Latina e no Caribe, foi ratificado o apoio dos movimentos sociais e progressistas da América Latina à justa causa do povo palestino. Isso foi expresso nesta reunião por Samer Mana, membro do Comitê Central da Frente Democrática para a Libertação da Palestina.

## Cuba: apoio histórico à causa palestina

A posição de Cuba diante do histórico conflito palestino permaneceu quase ininterrupta. Esses laços remontam 1947, quando Cuba era o único país da região latino-americana que se opunha à partição da Palestina em um estado árabe e judeu na Assembleia Geral das Nações Unidas. O apoio à causa palestina assumiu uma nova dimensão após o triunfo da Revolução Cubana em 1959, definindo o apoio de Cuba aos movimentos progressistas e anticolonialistas no chamado Terceiro Mundo, incluindo o mundo árabe. Nesse sentido, destacam-se os laços de irmandade entre Fidel Castro e o líder palestino Yasser Arafat. Em 17 de novembro de 1974, os dois países estabeleceram relações diplomáticas.

Desde então, a posição cubana tem sido muito clara e constante em relação à solução do conflito, o direito de autodeterminação do povo palestino, a criação de seu Estado com capital em Jerusalém Oriental, dentro das fronteiras de 1967, o retorno dos palestinos para suas terras condenando, em todos os possíveis fóruns multilaterais, as agressões sistemáticas de Israel contra a população civil na Cisjordânia e na Faixa de Gaza.

Com essa prática histórica e respeito pelo povo palestino, entendemos a posição clara de Cuba contra a decisão dos EUA de reconhecer Jerusalém como a capital de Israel, considerando uma violação flagrante do direito internacional que viola os interesses legítimos do povo palestino. Segundo o Ministério das Relações Exteriores de Cuba, a modificação do “status histórico” de Jerusalém “aumentará ainda mais as tensões” no Oriente Médio e impedirá qualquer esforço destinado a retomar as negociações de paz entre israelenses e palestinos. Portanto, Cuba exigiu de Israel o fim imediato da ocupação aos territórios palestinos, as políticas agressivas e as práticas colonizadoras nesses territórios. Em 2016, Miguel Díaz-Canel, que na época era o Vice-Presidente do Conselho de Ministros do Estado, recebeu o Ministro das Relações Exteriores da Palestina, Riad al-Maliki e, em 2018, o Ministro da Educação, Sabri Saidam.

A Embaixadora Anayansi Rodríguez Camejo, representante permanente de Cuba nas Nações Unidas, durante sua intervenção durante a 106ª sessão extraordinária de emergência da Assembleia Geral das Nações Unidas sobre o tema “Ações ilegais de Israel na Jerusalém Oriental ocupada e no resto dos Territórios Palestinos Ocupados”, “expressou a esmagadora rejeição de Cuba”. A Delegação de Cuba co-patrocinou e votou a favor do projeto de resolução “Estatuto de Jerusalém”, que expressava que qualquer decisão ou ação cujo significado é alterar o caráter, status ou composição demográfica da Cidade Santa de Jerusalém não possui efeito legal, sendo considerado nulo e deverá ser revogado, em conformidade com as resoluções relevantes do Conselho de Segurança da ONU. Nesse sentido, o texto adotado exortou todos os Estados a abster-se de estabelecer missões diplomáticas em Jerusalém.

A Declaração do Ministério das Relações Exteriores de Cuba, emitida em 6 de dezembro de 2017, declarou o seguinte:

O Ministério das Relações Exteriores da República de Cuba expressa sua profunda preocupação e rejeição pela declaração unilateral do Presidente dos Estados Unidos da cidade de Jerusalém como capital de Israel, que constitui uma violação grave e flagrante da Carta de ONU, do Direito Internacional e das resoluções relevantes das Nações Unidas<sup>29</sup>.

A diplomata cubana também exortou o Conselho de Segurança a adotar as decisões necessárias e exigir de Israel o fim imediato da ocupação dos

---

29 Cuba rechaza declaración unilateral de Trump sobre Jerusalén como capital de Israel. Cubaminrex, 6 de dezembro de 2017. Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2017/12/06/cuba-rechaza-declaracion-unilateral-de-trump-sobre-jerusalen-como-capital-de-israel/#.W7PBzWQx1S>

territórios palestinos e das políticas agressivas e práticas colonizadoras, bem como o cumprimento das resoluções aprovadas por esse órgão sobre a situação no Oriente Médio, incluindo a questão palestina<sup>30</sup>.

Em sua última turnê pela América Latina, o presidente palestino, do Chile, viajou à Cuba como um sinal de solidariedade desse país com a Palestina. O Presidente do Estado da Palestina e do Comitê Executivo da Organização para a Libertação da Palestina, Exmo. Mahmud Abbas<sup>31</sup> esteve em Havana de 10 a 12 de maio de 2018 para realizar um amplo programa de atividades, incluindo conversas oficiais com o presidente cubano Miguel Diaz-Canel, que ratificou o apoio de Cuba à Palestina e repudiou a declaração unilateral do presidente dos EUA, Donald Trump, de que a cidade palestina de Al-Quds (Jerusalém) fosse a capital do regime israelense.

O líder cubano também defendeu a criação de um Estado independente da Palestina, de acordo com as fronteiras de 1967 e com Jerusalém Oriental como capital. Por sua vez, Mahmoud Abbas agradeceu à Havana o apoio à causa palestina e concedeu ao seu homólogo cubano “O Grande Colar do Estado da Palestina”, a mais alta decoração concedida a personalidades estrangeiras<sup>32</sup>. Esta visita foi uma amostra das excelentes relações bilaterais entre os dois países<sup>33</sup>.

Com relação aos últimos acontecimentos na Faixa de Gaza, o Ministério de Relações Exteriores de Cuba exigiu que o Conselho de Segurança da ONU parasse a agressão israelense contra os palestinos. O diretor-geral de Assuntos Bilaterais do Ministério das Relações Exteriores de Cuba (MINREX), Emilio Lozada García, em nome do MINREX, repudiou a nova onda de violência de Israel contra o povo palestino: “Expressamos a mais forte condenação à nova e criminosa agressão por parte do exército israelense contra a população palestina na Faixa de Gaza”. Segundo o diretor, foi um ato brutal, que constituiu uma violação grave e flagrante da Carta da ONU e do Direito

---

30 Ver: *Rechaza Cuba declaración de Jerusalén como capital de Israel ante la ONU*. Cuba Debate, 22 dezembro de 2017. Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2017/12/22/rechaza-cuba-declaracion-de-jerusalen-como-capital-de-israel-ante-la-onu/#.W7PALjWQXIS>

31 Sua última estadia em Cuba ocorreu em setembro de 2009. Nessa ocasião, ele se encontrou com o presidente Raul Castro e participou da assinatura de três acordos nas áreas de educação, cultura e esporte.

32 Ver *Visitará Cuba Presidente de Palestina*. La Habana, Cuba, 7 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.hispantv.com/noticias/cuba/376890/palestina-jerusalen-eeuu-capital-canel-abbas>

33 Ver *El líder palestino Mahmud Abbas llega a Cuba para reunirse con Díaz-Canel*. EFE, La Habana, 11 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.efe.com/efe/america/politica/el-lider-palestino-mahmud-abas-llega-a-cuba-para-reunirse-con-diaz-canel/20000035-3612440>

Internacional Humanitário<sup>34</sup>.

Cuba continuará apoiando uma solução abrangente, justa e duradoura para o conflito israelense-palestino, baseada em uma solução de dois Estados, que permita aos palestinos o direito à autodeterminação e a ter um Estado independente e soberano, com capital em Jerusalém Oriental e as fronteiras anteriores a 1967.

## Conclusões

O regime sionista israelense manteve suas posições contra o estabelecimento de um Estado palestino independente, incentivou a construção de assentamentos de colonos judeus na Cisjordânia, se opôs ao retorno de refugiados palestinos e violou todas as resoluções adotadas na Assembleia Geral em favor da Palestina. Portanto, o conflito continua em várias dimensões: a questão relacionada ao futuro de Jerusalém, a definição das fronteiras e terras nas quais o Estado Palestino seria estabelecido, a ilegalidade dos assentamentos judeus nas terras sistematicamente usurpadas por Israel, a situação dos refugiados palestinos e seu direito de retornar a suas terras.

Nesse contexto, o chamado “acordo do século” proposto pelo governo republicano de Donald Trump, vem consolidar as posições de Israel sobre esses tópicos e enterra a possibilidade da criação do Estado palestino nos termos que historicamente tem exigido. Isso fez com que as relações entre as autoridades palestinas e o governo dos EUA estivessem em seu ponto mais crítico devido às ações unilaterais e à pressão advinda do governo Trump.

Ao mesmo tempo, as tensões com Israel e as ações repressivas dos militares israelenses nos postos de controle na Cisjordânia e nas áreas de fronteira com a Faixa de Gaza aumentaram substancialmente. O exército israelense usa continuamente atiradores de elite ao longo das cercas da fronteira para suprimir manifestações de civis palestinos, estabelecendo áreas sem acesso para eles. A violência com a qual os sionistas agiram viola as normas internacionais e os direitos humanos, diante da cumplicidade dos Estados Unidos e de seus aliados europeus.

Portanto, a morte de civis sem causa legal, a expulsão da população palestina nos territórios ocupados, a apropriação ilegal de suas terras, a demolição de suas casas e a política de Israel de “prisões arbitrárias” foram manti-

---

34 Ver *Cuba se pronuncia contra la nueva escalada de violencia de Israel en Gaza*. Ministerio de Relaciones Exteriores (MINREX), 3 abril de 2018. Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2018/04/03/cuba-se-pronuncia-contra-la-nueva-escalada-de-violencia-de-israel-en-gaza/#.W7PB4TWQx1s>

das. Esses fatos foram evidenciados após a publicação de imagens nas redes sociais, mostrando como a polícia agride e lança gás lacrimogêneo de drones contra os manifestantes palestinos. As denúncias da Palestina contra Israel perante o TPI não geraram uma resposta convincente de condenação a esses fatos. Os líderes palestinos deixaram claro que não veem mais os Estados Unidos como um mediador neutro no conflito com Israel. As autoridades palestinas congelaram todo contato com o governo dos EUA desde que o presidente Trump reconheceu Jerusalém como a capital de Israel até o final de 2017.

Sem dúvida, o impulso de “paz” liderado pelos Estados Unidos será frustrado pelas convicções e pelo compromisso da ANP com seu povo, na demanda da criação do Estado Palestino, conforme previsto nos Acordos de Oslo de 1993 e 1995. Isso é essencial para continuar exigindo que Israel congele sua política de assentamentos como uma condição prévia para retomar as negociações de paz, libertando prisioneiros palestinos anteriores ao processo de Oslo e oferecendo garantias ao direito dos palestinos de voltarem para suas terras e preservarem sua história e identidade nacional.

## REFERÊNCIAS

- Abbas urges Latin America not to follow US example on embassy.* AFP and Time of Israel, 8 May 2018. Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/abbas-urges-latin-america-not-to-follow-us-example-on-embassy/>
- Académicos colombianos le pidieron a Duque respaldo en reconocimiento de Palestina.* El Espectador, 10 de agosto de 2018. Disponível em: <http://www.palestinalibre.org/articulo.php?a=69805>
- Al menos dos muertos y 242 heridos por fuego israelí en Gaza.* 10 de agosto de 2018. Disponível em: <http://www.palestinalibre.org/articulo.php?a=69804>
- Aprueban moción para trasladar embajada de Honduras en Israel a Jerusalén.* La Prensa, 12 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.laprensa.hn/honduras/1168432-410/trasladar-embajada-honduras-jerusalen-tel-aviv-israel-congreso->
- Argentina lamenta ‘medidas unilaterales’ de EEUU sobre Jerusalén.* 7 de diciembre de 2017. Disponível em: <https://www.hispantv.com/noticias/argentina/361835/trump-jerusalen-capital-israel-embajada-eeuu-palestina>
- Baroud, Ramzy. *Muhammad Rimawi Becomes ‘Third Palestinian Tortured*

*to Death' by Israel this Year.* TeleSUR, 18 de septiembre de 2018. Disponible en: <https://www.telesurtv.net/english/news/Muhammad-Rimawi-Becomes-Third-Palestinian-Tortured-to-Death-by-Israel-this-Year-20180918-0007.html>

*Colombia: ¿podrá Iván Duque revertir el reconocimiento de Palestina?* Palestina Libre, 10 de agosto de 2018. Disponible en: <http://www.palestinalibre.org/articulo.php?a=69806>

*Comunidades palestinas de América Latina realizarán Congreso Preparatorio en Chile.* 21 de octubre de 2017, Palestina Libre. Disponible en: <http://www.palestinalibre.org/articulo.php?a=66064>

*Comunidades Palestinas de América Latina, condenan el crimen israelí de hoy en Gaza.* Resumen Latinoamericano, Palestina Libre, 30 de octubre de 2017. Disponible en: <http://www.resumenlatinoamericano.org/2017/10/30/comunidades-palestinas-de-america-latina-condenan-el-crimen-israeli-de-hoy-en-gaza/>

*Cuba rechaza declaración unilateral de Trump sobre Jerusalén como capital de Israel.* Cubaminrex, 6 de diciembre de 2017. Disponible en: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2017/12/06/cuba-rechaza-declaracion-unilateral-de-trump-sobre-jerusalen-como-capital-de-israel/#.W7PBezWQx1S>

*Cuba se pronuncia contra la nueva escalada de violencia de Israel en Gaza.* Ministerio de Relaciones Exteriores (MINREX), 3 abril 2018. <http://www.cubadebate.cu/noticias/2018/04/03/cuba-se-pronuncia-contra-la-nueva-escalada-de-violencia-de-israel-en-gaza/#.W7PB4TWQx1S>

*Debatirán papel de América Latina en conflicto entre Israel y Palestina.* Disponible en: <https://www.americaeconomia.com/politica-sociedad/politica/debatiran-papel-de-america-latina-en-conflicto-entre-israel-y-palestina>

*Decenas de miles de personas protestan contra la Ley de Estado Nación en Israel.* Tel Aviv, EFE, 4 de agosto de 2018. Disponible en: [https://www.abc.es/internacional/abci-decenas-miles-personas-protestan-contra-ley-estado-nacion-israel-201808042350\\_noticia.html](https://www.abc.es/internacional/abci-decenas-miles-personas-protestan-contra-ley-estado-nacion-israel-201808042350_noticia.html)

*Defensores de palestinos en Latinoamérica se reunirán en Nicaragua.* 16 de octubre de 2017. Disponible en: <https://www.hispantv.com/noticias/sudamerica/356649/america-latina-caribe-comunidad-causa-palestina>

*Disparar a matar: el controversial uso de francotiradores por Israel contra las protestas en Gaza.* BBC Mundo, 16 mayo 2018. Disponible en: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-internacional-44132510>

*El Gobierno de Santos reconoce a Palestina como Estado antes de entregar el poder.*

Bogotá, 9 de agosto de 2018. Disponible en: [https://elpais.com/internacional/2018/08/08/colombia/1533761934\\_031445.html](https://elpais.com/internacional/2018/08/08/colombia/1533761934_031445.html)

*El líder palestino Mahmud Abbas llega a Cuba para reunirse con Díaz-Canel.* EFE, La Habana, 11 de mayo de 2018. Disponible en: <https://www.efe.com/efe/america/politica/el-lider-palestino-mahmud-abas-llega-a-cuba-para-reunirse-con-diaz-canel/20000035-3612440>

Fulbright, Alexander. *Autoridad Palestina dice que ha frustrado el "acuerdo del siglo" de Trump.* Israel noticias, 8 de agosto de 2018. Disponible en: <https://israelnoticias.com/autoridad-palestina/autoridad-palestina-frustrado-acuerdo-siglo-trump/>

Garralda, Ana. *El inaceptable "acuerdo del siglo" de Donald Trump.* Estudios de Política Exterior, 3 de agosto de 2018. Disponible en: <http://cpalsocial.org/el-inaceptable-acuerdo-del-siglo-de-donald-trump-2444>

*Guatemala, Honduras y Paraguay, los países latinoamericanos que siguen a Estados Unidos en la apertura de sus embajadas en Jerusalén.* Redacción BBC Mundo, 16 mayo 2018. Disponible en: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-44112856>

Hadwa, Nicola y Silvia Domenech. *El acuerdo del siglo, máxima hipocresía y mínimo de vergüenza.* 3 de julio de 2018. Disponible en: <https://www.hispantv.com/noticias/opinion/381598/acuerdo-siglo-eeuu-paz-israel-palestina>

*Hamas: The Closure of The Headquarters of The PLO in Washington Confirms The Failure of The Settlement Process.* September 11, 2018. Disponible en: <http://www.en.syria-scope.com/palestine-news/85843>

*Israel cierra el único paso comercial con Gaza como advertencia a Hamás.* Jerusalén, EFE, 9 de julio de 2018. Disponible en:

*La Asamblea General de la ONU aprueba una moción contra la decisión de Estados Unidos de reconocer a Jerusalén como la capital de Israel.* BBC Mundo, 21 diciembre 2017. Disponible en: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-internacional-42446206>

*La Casa Blanca amenazará con sanciones a la CPI si investiga a EE.UU o Israel.* Agencia EFE, 10 de septiembre de 2018. Disponible en: <https://es.noticias.yahoo.com/casa-blanca-amenazar%C3%A1-sanciones-cpi-investigacion-ee-uu-161823957.html>

*La Unión Europea no trasladará ninguna embajada a Jerusalén.* Cubadebate, 11 diciembre 2017. Disponible en: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2017/11/la-union-europea-no-trasladara-ninguna-embajada-a-jerusalen>.



- Levinson, Roxana. *Trump presentará el “acuerdo del siglo” tras su discurso en la Asamblea General de Naciones Unidas*. Agencia AJN, 21 agosto de 2018. Disponible en: <https://agenciaajn.com/noticia/trump-presentara-el-acuerdo-del-siglo-tras-su-discurso-en-la-asamblea-general-de-naciones-unidas-102658>
- Mahmud Abás fue reelegido como presidente del comité ejecutivo de la OLP*. France 24, 4 de mayo de 2018. Disponible en: <https://www.france24.com/es/20180430-palestina-israel-olp-parlamento-abbas>
- Mathus Ruiz, Rafael. *Nuevo golpe de Trump al proceso de paz en Medio Oriente: ordenó el cierre de la oficina de la OLP*. Washington, 11 de septiembre de 2018. Disponible en: <https://es.noticias.yahoo.com/golpe-trump-proceso-paz-medio-052330433.html>
- Naciones Unidas llama a detener demolición de aldea palestina*. Prensa Latina, Ramallah, 16 de septiembre de 2018. Disponible en: <https://www.prensa-latina.cu/index.php?o=rn&id=210763&SEO=naciones-unidas-llama-a-detener-demolicion-de-aldea-palestina>
- Netanyahu retira los detectores de metales pero mantiene las cámaras en la Explanada de las Mezquitas*. 25/07/2017. Disponible en: [https://www.abc.es/internacional/abci-israel-cierra-unico-paso-comercial-gaza-como-advertencia-hamas-201807091928\\_noticia.html](https://www.abc.es/internacional/abci-israel-cierra-unico-paso-comercial-gaza-como-advertencia-hamas-201807091928_noticia.html)
- Palestina: EEUU ataca ley internacional recortando fondos a UNRWA*. 11 de septiembre de 2018. Disponible en: <https://www.hispantv.com/noticias/palestina/387891/eeuu-recortes-fondos-unrwa-refugiados-maliki>
- PlettUsher, Barbara. *¿Cuáles fueron las verdaderas razones de Donald Trump para mudar la embajada de Estados Unidos en Israel a Jerusalén y qué puede pasar ahora?* 15 mayo 2018. Disponible en: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-internacional-44112858>
- Presidente de Palestina realiza visita oficial a Chile*. Prensa Latina, 9 de mayo de 2018. Disponible en: <http://www.palestinalibre.org/articulo.php?a=68451>
- Rechaza Cuba declaración de Jerusalén como capital de Israel ante la ONU*. Cuba Debate, 22 diciembre 2017. Disponible en: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2017/12/22/rechaza-cuba-declaracion-de-jerusalen-como-capital-de-israel-ante-la-onu/#.W7PALjWQx1s>
- Reconocimiento a Palestina como Estado ‘es irreversible’: Iván Duque*. El Tiempo, 3 de septiembre de 2018. Disponible en: <https://www.eltiempo.com/mundo/latinoamerica/colombia-no-anulara-reconocimiento-a-palestina-como-estado-263666>
- Siminovich, Maya. *El presidente palestino revela que EE UU le propuso formar*

*una confederación con Jordania*. EFE, 3 de septiembre de 2018. Disponible en: <https://www.20minutos.es/noticia/3429056/0/eeuu-propuso-abas-confederacion-jordania/#xtor=AD-15&xts=467263>

Tahbub, Marwan. *El conflicto palestino – israelí y América Latina*. 4 de enero de 2011. Disponible en: <http://www.palestinalibre.org/articulo.php?a=29004>

*The Veiled Danger of the ‘Dead’ Oslo Accords*. 13 de septiembre de 2018. Disponible en: <https://www.telesurtv.net/english/news/The-Veiled-Danger-of-the-Dead-Oslo-Accords-20180912-0023.html>

Tomar, Cengiz. “*El Acuerdo del Siglo*” de Trump y el fin de los días. Agencia Anadolu, 4 de agosto de 2018. Disponible en: <https://www.aa.com.tr/es/an%C3%A1lisis/el-acuerdo-del-siglo-de-trump-y-el-fin-de-los-22731>

*Tras el regreso de la embajada a Tel Aviv: Mike Pence habló con presidente de Paraguay*. Agencia AJN, 6 septiembre de 2018. Disponible en: <https://agenciaajn.com/noticia/tras-el-regreso-de-la-embajada-a-tel-aviv-mike-pence-hablo-con-presidente-de-paraguay-103644>

*Trump administration announces closure of Washington PLO office*. 10 de septiembre de 2018. Disponible en: <https://www.aljazeera.com/news/2018/09/trump-administration-close-plo-office-washington-dc-180910064915646.html>

*US cuts to UN refugee agency an ‘attack on Palestinians & international law’*. Palestinian FM, 11 de septiembre de 2018. Disponible en: <https://www.rt.com/news/438179-trump-attack-palestinians-funding/>

*Venezuela y Palestina firman acuerdos de cooperación*. Telesur, 7 de mayo de 2018. Disponible en: <https://www.telesurtv.net/news/venezuela-palestina-firman-acuerdos-cooperacion--20180507-0032.html>

*Visitará Cuba Presidente de Palestina*. La Habana, Cuba, 7 de mayo de 2018. Disponible en: <https://www.hispantv.com/noticias/cuba/376890/palestina-jerusalen-eeuu-capital-canel-abbas>

*Washington Officially Announces the Closure of the Palestine Liberation Organization (PLO) Office*. 11 de septiembre de 2018. Disponible en: <http://www.en.syria-scope.com/political-news/85848>

## RESUMO

O presente artigo busca analisar a virada da política externa norte-americana, após a eleição de Donald Trump como 45<sup>o</sup> presidente dos Estados Unidos, com relação à Palestina e os interesses imperialistas na região, bem como, investigar esse novo acordo de paz do século para o conflito israelo-palestino. Pretende, então, examinar as pressões americanas aos países latino-americanos devido suas respostas ao acordo e também as relações destes com o “Estado de Israel” e com a Autoridade Nacional Palestina.

## PALAVRAS-CHAVE

Acordo do século; Conflito israelo-palestino; América Latina.

*Recebido em 3 de janeiro de 2018.*

*Aprovado em 25 de março 2019.*

*Traduzido por Felipe Samuel*